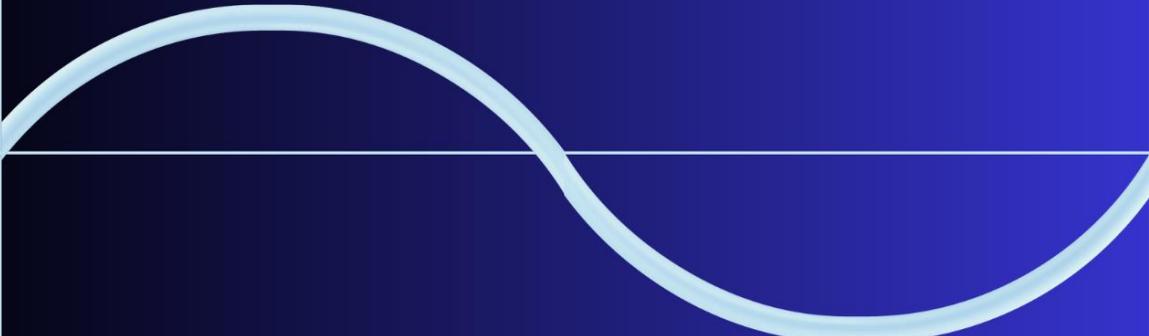


Os altos e baixos da vida.



O medo da mudança, que traz consigo a apreensão em relação ao futuro, é um grande obstáculo para um grande número de crentes. Começamos nossa carreira cristã enfrentando a questão do pecado e encontrando uma solução dada por Deus no evangelho... Ainda resta a questão das circunstâncias, e a maioria de nós acha que é o problema mais difícil de todos.

F.B. Hole

Título: **OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA**

Autor: **F. B. HOLE**

Literaturas em formato digital:

www.acervodigitalcristao.com.br

Literaturas em formato Impresso:

www.verdadesvivas.com.br

Evangelho em 03 Minutos:

www.3minutos.net

O que respondi:

www.respondi.com.br

Agregador de links com conteúdo cristão:

www.pelagraca.com.br

INTRODUÇÃO

Em 1915 nosso irmão FB Hole escreveu o texto abaixo, animando os irmãos da época devido as incertezas do futuro. Mal sabia nosso querido Irmão o que viria;

- 1- Mais 3 anos da 1 Guerra Mundial, acabaria em 1918.
- 2- Na sequência a Gripe Espanhola 1918 a 1920.
- 3- Crash da Bolsa Americana e depressão econômica 1929 a 1939.
- 4- Segunda Guerra Mundial em 1939 a 1945.

Leiam com calma, Daniel é um exemplo de como nos portar frente as mudanças.

Nosso Irmão F.B. Hole foi para o Senhor em 30 de Janeiro de 1964, passando por tudo isso assim como muitos outros.

OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA

(Extraído de Scripture Truth, 1916, Vol. 8, página 22.)

O medo da mudança, que traz consigo a apreensão em relação ao futuro, é um grande obstáculo para um grande número de crentes. Começamos nossa carreira cristã enfrentando a questão do pecado e encontrando uma solução dada por Deus no evangelho. Isso foi seguido pelo revolta do autoquestionamento, e para isso talvez tenhamos encontrado uma resposta, de modo que provamos em algum grau a doce vitória sobre o pecado. Ainda resta a questão das circunstâncias, e a maioria de nós acha que esse é o problema mais difícil de todos.

O ano de 1915 chegou ao fim. Foi marcado por mudanças em maior número e mais abrangentes em seus efeitos do que qualquer outra que esta geração tenha conhecido. O ano de 1916 amanhece e os presságios são sombrios; mudanças ainda mais e mais profundas parecem estar sendo sinalizadas. Como vamos enfrentá-las? Façamos isso com a lembrança de que por estas mesmas mudanças Deus está nos dando uma instrução, cujos benefícios levaremos conosco por toda a eternidade.

A mudança sempre foi uma parte essencial da instrução dos santos de Deus. As biografias da Bíblia dão amplo testemunho disso, mas talvez nenhuma vida exemplifique isso de maneira mais marcante do que a de Daniel. Vamos considerar sua história por alguns momentos.

Ele começou a vida em uma posição elevada. Ele era “da linhagem real, e dos nobres... em quem não havia defeito, formoso de aparência, e instruído em toda a sabedoria, e sábio em ciência, e entendido no conhecimento, e como tal, havia habilidade nele...”. Ele era, em suma, de descendência real e perfeitamente apto à sua alta posição, tanto física quanto mentalmente.

No início da vida, no entanto, um golpe desceu que o derrubou profundamente. Jerusalém caiu diante das conquistas militares da Babilônia. Zedequias, seu último rei e chefe da casa de Daniel, foi destronado, e Daniel, embora poupado com outros jovens príncipes na manutenção geral, achou-se cativo em uma terra estrangeira.

Ele reclamou? Presumindo que “tudo estava bem”, abandonou-se a uma vida de tanta facilidade e prazer quanto possível nas circunstâncias? De jeito nenhum. Fez exatamente o oposto. Foi então que, no temor de Deus, ele tomou sua decisão imortal de “não se contaminar” com a menor cumplicidade com a idolatria que permeava a própria atmosfera da Babilônia, custasse o que custasse. Moral e espiritualmente, ele era muito maior quando estava abatido do que quando tinha sucesso.

O próprio avanço que ele fez durante esse período de adversidade apenas preparou o caminho, no entanto, para outra mudança. Sua completa separação do mal diante de Deus o levou a adquirir uma notável medida de poder com Deus em oração, e logo surgiu uma ocasião que o colocou à prova. Quando o tirano Nabucodonosor teve um sonho notável, esqueceu-se dele e ameaçou matar todos os sábios da Babilônia porque eles eram incapazes de recordar o sonho para ele e depois interpretá-lo, Daniel e seus companheiros cercaram o céu em oração até que o fato acontecesse. O sonho foi revelado a Daniel, e ele foi capaz de atender com tanta eficácia às demandas do rei enfurecido que este não apenas caiu diante dele, prestando-lhe homenagem, mas confessou a glória suprema de seu Deus e “o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes presentes e o pôs por governador de toda a província da Babilônia”.

Assim, com um único salto, Daniel subiu no mundo mais uma vez. Ele não foi afetado por essa repentina onda de prosperidade; isso fica muito evidente pelo que temos no quarto capítulo. Nenhum homem, exceto aquele que andava com Deus, seria capaz de prever o desastre e também repreender o grande rei de quem foi dito: “A quem queria matava e a quem queria dava a vida; e a quem queria engrandecia; e a quem queria abatia”. Claramente, então, Daniel, que foi “armado” naquele momento, não teve medo da perspectiva de ser “abatido”. Também é lógico que nenhum homem teria sido capaz de aconselhar, com ousadia, a retidão e a misericórdia como ele fez, exceto aquele que praticasse habitualmente essas virtudes.

No devido tempo, veio a próxima mudança. Não temos registro de como veio, mas que veio, e Daniel 5:11 a 13 declara. Aparentemente, Daniel caiu na obscuridade por muitos anos. Pode ter sido que com a morte de Nabucodonosor, que o respeitava, ele tenha sido

esquecido; de qualquer maneira, é evidente que ele vivia em completa obscuridade nos dias de Belsazar. A rainha-mãe no banquete de Belsazar, naquela noite fatal, lembrou-se dele e de seus dons divinos, mas os próprios termos em que ela o descreve provam que para o rei e seus mil senhores ele era totalmente desconhecido.

Que imenso elogio para Daniel foi aquele! Ele não teve parte nem sorte nas iniquidades desenfreadas da corte degenerada de Belsazar. Vemos aqui - toda a honra para ele! — o mesmo Daniel que apareceu pela primeira vez em Daniel 1, resolutamente separado do mal. E há mais do que isso. Foi nos últimos anos desse período de eclipse que ele recebeu as duas primeiras daquelas maravilhosas visões que foram a ele concedidas. Elas estão registradas em Daniel 7 e Daniel 8. Durante esse tempo em que estava abatido, ele evidentemente estava em grande comunhão com o céu.

Naquela última noite terrível, Daniel brilhou como um meteoro no céu caldeu. Apesar da natureza terrível de sua mensagem e de sua própria recusa desdenhosa das honras de Belsazar, Daniel estava vestido de púrpura, com uma corrente de ouro em volta do pescoço, e foi proclamado o terceiro governante do reino. Ele estava de pé mais uma vez.

Para cima, como ele mesmo sabia muito bem, apenas por algumas breves horas. Naquela noite, Babilônia caiu diante das hostes de Dario, Belsazar foi morto e o império caldeu não existia mais. Como parte do tecido governamental por sua nova nomeação, Daniel caiu com ele e, naturalmente, caiu mais uma vez na obscuridade.

Pela terceira vez, o período de “abatido no mundo” tornou-se uma temporada de grande lucro. Os dois primeiros versículos de Daniel 9:1-2 nos mostram que Daniel usou esse novo tempo de retiro para o estudo da Escritura. Lendo atentamente o livro de Jeremias ele se deparou com a previsão, em Jeremias 29:10, que as desolações de Jerusalém naquela ocasião seriam limitadas a setenta anos. A descoberta dessa graça inesperada o colocou de joelhos em uma agonia de confissão e oração. O julgamento do próprio poder que derubou Jerusalém não foi o alvorecer da esperança? O tempo de seu choro não estava quase no fim? Sua oração vibra com o espírito de esperança e arrependimento, e aquele que pode lê-la em letras frias, sem emoção, deve ter um coração realmente duro.

Sua oração foi a de um homem justo, fervorosa e eficaz, e trouxe uma resposta imediata. Outras revelações o alcançaram antes que ele tivesse parado adequadamente, e por meio dele foi dada a profecia das “setenta semanas”, o cronograma do destino de Israel no qual estava claramente marcado o tempo exato da morte de seu grande Messias, e nosso adorável Salvador.

No devido tempo, mais uma vez encontramos Daniel exaltado. O homem que anda firmemente com Deus na adversidade não pode ser escondido. Não sabemos como, mas de alguma forma suas excelentes qualidades se tornaram conhecidas de Dario, o novo governante, e em Daniel 6 o encontramos subindo na escala ascendente, até que, como o chefe dos três presidentes sobre os príncipes, ele está próximo ao rei em autoridade.

Mais uma vez nesta exaltada posição encontramos a mesma fidelidade destemida a Deus, juntamente com graça e mansidão e a ausência de autopromoção pela qual ele é merecidamente famoso. Nada evidencia mais a força do que a habilidade de proceder exatamente como antes em uma grande crise. O homem fraco ou ajusta sua vela para pegar a brisa que passa e se altera de modo conformar-se ao que é popular, ou então ele tenta sinalizar sua não conformidade tornando-se extremista e rude. Daniel procedeu “como também antes costumava fazer”.

O quão dramaticamente ele foi jogado na cova dos leões, toda criança da escola dominical sabe, e não precisamos repetir. Na manhã seguinte, ele estava em pé novamente, mais alto do que nunca, se fosse possível, e isso para a grande glória de seu Deus. Esse período de exaltação durou muito no reinado de Ciro, provavelmente até o fim de sua vida.

Quanto a esse tempo de prosperidade, duas coisas podem ser ditas. Primeiro foi-lhe permitido ver a profecia de Jeremias cumprida, e o decreto para a reconstrução da tão amada casa de Deus foi emitido (ver Dn 6: 10, Ed 1: 1). De fato, de seu lugar exaltado, ele pode ter participado de sua realização. Em segundo lugar, como sempre, ele estava em contato com Deus durante este último período de eminência na velhice. Foi no terceiro ano de Ciro, dois anos após a emissão do decreto, que a visão final junto ao rio Hidéquel foi dada a ele, e ele foi saudado duas vezes como “um homem mui amado”.

Essa visão foi encerrada, conforme registrado em Daniel 12, por uma clara insinuação a Daniel de que ele seria abatido mais uma vez, e isso em um eclipse mais escuro, de acordo com os padrões da natureza, do que qualquer outro que ele já havia conhecido. E, no entanto, embora a morte devesse tirá-lo de cena muito antes do advento da glória prometida, de modo que o último “rebaixamento” que ele deveria conhecer seria o silêncio da sepultura, até mesmo esse anúncio sombrio foi tingido com o ouro desse pensamento, de que seu tempo de espera deveria ser um período de descanso, e com o pensamento ainda muito mais brilhante de que quando a glória amanhecesse e suas bênçãos inundassem a cena, ele não deveria passar, pois a ele é dito, “porque repousarás e estarás na tua sorte [herança], no fim dos dias”. Essa predição claramente o autorizou a fechar seus olhos envelhecidos na terra com seu coração iluminado com a luz da ressurreição.

No dia da glória pacífica e imutável do Messias, tu, ó Daniel, o homem muito amado, olharás para trás, para tua vida mutável de altos e baixos, e dirás: “Tais experiências, embora difíceis na época, valeram a pena, pois elas enriqueceram minha alma para a eternidade com um conhecimento de Deus, que é como ouro sete vezes purificado em uma fornalha”.

Começamos o desconhecido 1916 com todos os seus altos e baixos com algo desse espírito. Embora conscientes de quão inferiores a ele somos, ainda podemos cantar

“Ouse ser um Daniel,
Ouse ficar sozinho.”

Mas, se o fizermos, faremos bem em juntar a esse hino aquele outro que diz:

“O DEUS que viveu no tempo de Daniel
É exatamente o mesmo hoje.”